



## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “*ETHOS* DISCURSIVO EM DIVERSAS DIMENSÕES”

ANA RAQUEL MOTTA  
LUCIANA SALAZAR SALGADO  
SÍRIO POSSENTI

Este dossiê temático, “*Ethos* Discursivo em diversas dimensões”, é parte do volume 61 (2019) da *Cadernos de Estudos Linguísticos* e celebra os dez anos da publicação de *Ethos discursivo* (São Paulo, Contexto), o primeiro dossiê sobre o tema no Brasil, organizado por um coletivo que daria origem, no mesmo ano, ao Centro de Pesquisa FEsTA – Fórmulas e estereótipos: teoria e análise, sediado no IEL, Unicamp. Tal celebração se justifica pela patente produtividade desse conceito, que tem hoje espriamentos epistemológicos suscitados por diversos objetos discursivos postos sob análise. Os quinze artigos aqui reunidos confirmam essa produtividade e esse espriamento, mostrando que estão ligados, entre outras coisas, às questões da circulação dos discursos em ambiente digital, que se caracteriza sobretudo pela demanda de produção de autoimagens, imprescindíveis nas dinâmicas de interlocução hegemônicas no atual período.

A própria constituição do dossiê foi um exercício interessante: entre a chamada e sua publicação completa, vivemos importantes alterações nos modos de gestão dos periódicos acadêmicos brasileiros, em consonância com os padrões internacionais. A publicação de artigo por artigo, dado tratar-se, doravante, de uma “publicação contínua”, modifica a própria ideia de *periódico*, assumindo o atendimento às métricas avaliativas das revistas, dos pesquisadores que nelas publicam e dos programas implicados nessas publicações. Trata-se de um modelo que privilegia a unidade artigo e, diferentemente da herança das revistas impressas que se mantinha, não favorece a ideia de uma reunião de textos sobre um mesmo tema ou problema. A nova distribuição gráfica dos textos os individualiza, e a marcação em linguagem técnica que possibilita sua identificação na rede também privilegia essa existência unitária: as palavras-chave e toda a série de marcadores em html, xml ou outra linguagem que os tornam um artigo em circulação operam essa singularização, apartando cada unidade de qualquer conjunto.

Os conjuntos são informados apenas na dimensão da superfície textual linguística: por um título, por um texto como este e pelos modos de difusão que

cada pesquisador participante poderá agenciar nas suas próprias redes. Não há como informar tecnicamente, isto é, algoritmicamente, que se trata de um dossiê. O DOI é um exemplo disso. Por mais que tenha havido um longo processo de avaliação e seleção conforme os critérios característicos da avaliação por pares, que vigoravam mesmo na organização de dossiês temáticos, prevalecem, agora, os instrumentos que levam a encontrar os artigos como pontos estanques, não o tecido que, como se pretende em um dossiê, cada um deles ajudou a compor.

As discussões sobre o valor do trabalho de organização, isto é, de engenho e compilação do dossiê, parecem reforçar esse investimento em trabalhos individuais. Nesta altura, a diretriz avaliadora entende que, vista como “trabalho técnico”, esse tipo de organização deixa de ser considerado um trabalho fundamentalmente “autoral”, “vale menos”, portanto. Em todo caso, apesar desse novo tipo de circulação, delineada pelas mudanças cada vez mais consolidadas nos mídiuns da comunicação científica, na direção da independência de cada artigo em relação às revistas acadêmicas, neste dossiê há diálogos e percursos de leitura transversais, que, como organizadores, gostaríamos de ressaltar.

Discutindo o próprio conceito, buscando esclarecê-lo, delimitá-lo ou ampliá-lo e traçar sua história, Deusdará, Rocha e Arantes apresentam uma proposta provocativa em “Do *ethos* ao etos: um conceito sem ‘H’ e sem determinantes”. Os autores defendem que não são relevantes sub-categorias para o *ethos*, além de advogarem o apertuguesamento da grafia para “etos”. Carreon, Ruiz e Araújo também propõem uma discussão teórica em “Ensaio teórico sobre a noção de *ethos* discursivo em Maingueneau: caminhando entre releituras”, ao traçar o percurso do conceito na obra de Dominique Maingueneau nos últimos trinta anos. Também como discussão teórica, Mesti e Baronas, em “A (re)construção do *ethos* discursivo: reflexões sobre as imagens de si em sujeitos em interação”, buscam ampliar o tema, apresentando reflexões recentes e ainda pouco visibilizadas no meio acadêmico brasileiro. Ainda sobre a expansão da teoria, Oliveira, em “O *ethos* atópico”, discute a dissimulação do fiador dos discursos de ódio e intolerância, infelizmente bastante frequentes na realidade brasileira e mundial contemporânea.

Os discursos contemporâneos que circulam sobretudo em ambiente digital são objetos privilegiados para análise do *ethos*, uma vez que as imagens dos enunciadores são centrais em gêneros como posts publicitários, vídeos, blogs e palestras online. Uma campanha publicitária e sua repercussão polêmica são o tema de “O *ethos* como índice de virtude discursiva: articulações epistemológicas entre cognição e discurso”, de Vilela-Ardenghi e Gomes. As autoras articulam o estudo da moral na linguagem à análise do discurso para abordar a campanha da cerveja Skol no carnaval de 2015, considerada, por muitos internautas, como ofensiva às mulheres. Também sobre mulheres, em “As pin-ups contemporâneas: um estudo sobre *éthos* em blogs com temática retrô”, Lara e Gomes analisam o universo cultural de blogueiras retrô brasileiras, propondo uma interlocução

entre o campo da análise do discurso e o da moda. Moraes, em “*Ethos* da riqueza: caráter e corporalidade da ‘musa das finanças’, Nathalia Arcuri” também analisa o ambiente digital, através de vídeos de um canal de educação financeira do YouTube.

A educação financeira dirigida especialmente a mulheres é o tema de outro artigo: “Modalidade, *ethos* e estereótipos nos aconselhamentos sobre finanças para mulheres”, de Brunelli, Gasparini-Bastos e Verni. Articulando análise do discurso e funcionalismo, as autoras abordam um livro de autoajuda, verificando os *ethes* – e os discursos – que reforça e que recusa. Fossey e Mendonça também analisam um livro, mas um manual didático para o Ensino Médio, conjuntamente a redações de vestibular, em “A produção de textos em material didático e em contexto avaliativo: considerações sobre o *ethos* discursivo”. As autoras defendem que a noção de *ethos* pode ser importante para a qualidade textual nesses contextos, pois subjaz tanto às propostas do livro didático quanto às da prova. Ainda sobre livros, mas sobre literatura canônica, dois artigos do dossiê analisam o *ethos* no campo literário. Cavalcanti, em “A construção do *ethos* em crônicas de Manuel Bandeira”, explora o conceito para investigar uma faceta menos conhecida desse poeta, a de cronista. Já Mussalim e Rezende analisam o jornalismo literário acerca de Mário de Andrade, por ocasião de sua homenagem na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) em 2015, no artigo “O *ethos* como instância constitutiva da construção da ‘imagem de autor’”.

Reforçando a importância do campo político para a área, quatro artigos têm a análise do discurso político como foco principal. Piris, em “O *ethos* e suas noções conexas: análise do discurso do líder do governo na sessão parlamentar que antecedeu o AI-5”, reflete sobre a apropriação do *ethos* retórico pela análise do discurso para se debruçar sobre um pronunciamento parlamentar em um momento histórico de extrema importância no país durante a ditadura militar. Dois outros artigos também abordam a política nacional, e fazem uma comparação entre dois momentos históricos recentes, mas bastante distintos entre si. Almeida e Campos, em “*Ethos* discursivo e cenografias no discurso político: uma análise das cartas abertas de Lula no período pré-eleitoral em 2002 e 2018” analisam a diferença no *ethos* do ex-presidente Lula em duas cartas abertas, gênero consolidado na política contemporânea. As autoras apontam diferenças significativas para a compreensão da dimensão das diferentes condições de produção, antes e depois do impeachment de Dilma Rousseff. Exercício semelhante faz Menezes, em “*Ethé* atribuídos ao órgão de controle da transparência no Brasil: Análise comparativa diacrônica de notícias publicadas pela CGU (2015) e pelo Ministério da Transparência (2016)”. Embora o espaço temporal objetivo possa parecer bastante curto – apenas um ano –, a autora analisa o quanto ele é significativo para a mudança no direcionamento dos órgãos públicos brasileiros. Ainda sobre política, mas no âmbito estadual, Bezerra e Pessoa, articulando análise do discurso e enunciação, analisam anúncios-filmes em “O *ethos* discursivo na cena enunciativa da propaganda oficial

do governo do estado do Pará (2011 – 2014): a tensão entre inclusão e exclusão na cena espetacular”.

Este rico conjunto de trabalhos, selecionados entre outros igualmente indicativos das possibilidades analíticas que o conceito oferece, é também um conjunto de esforços intelectuais, editoriais e pessoais que se guiaram pela construção de uma unidade maior do que cada texto: trata-se de registrar um momento em que as discussões sobre o imperativo da construção de imagens de si estão fervilhando, e podem ajudar a entender esse acontecimento de nosso tempo.